

SUBJETIVIDADES MARGINAIS URBANAS NAS DUAS ÚLTIMAS DÉCADAS: A POESIA MARGINAL, A VANGUARDA MANGUE, A LITERATURA MARGINAL, O RAP

Roberto Henrique Seidel¹

Resumo: Trata-se, no presente texto, de estabelecer vínculos entre as formas de violência simbólica e imaginária sofridas pelos sujeitos ditos subalternos/marginais e as representações discursivas em textos estético/literários de enfrentamento destas mesmas violências. Neste rumo, procura-se pelas subjetividades plasmadas nos textos oriundos de distintos conjuntos/movimentos recentes, dentro do meio urbano brasileiro, no lapso de tempo das duas últimas décadas — dos anos noventa até dato —, notadamente: a poesia marginal, o movimento mangue, a literatura marginal e o rap/hip hop. Na análise, são relevantes os conceitos psicanalíticos de orfandade simbólica e fratria.

Palavras-Chave: Violência, Subjetividades marginais urbanas, Literatura brasileira contemporânea, Orfandade simbólica, Fratria.

Resumen: Trátase, en el presente texto, de establecer vínculos entre las formas de violencia simbólica e imaginaria sufridas por los sujetos denominados subalternos/marginales y las representaciones discursivas en textos estético/literarios de enfrentamiento de estas mismas violencias. En este rumbo, procurase por las subjetividades plasmadas en los textos oriundos de distintos conjuntos/movimientos recientes, dentro del espacio urbano brasileño, en el lapso de tiempo de los dos últimos decenios —de los años noventa hasta dato—, a saber: la poesía marginal, el Movimiento Mangue, la literatura marginal y el rap/hip hop. En el análisis, relevantes son los conceptos psicoanalíticos de orfandad simbólica y fratria.

Palabras-clave: Violencia, Subjetividades marginales urbanas, Literatura brasileña contemporânea, Orfandad simbólica, Fratria.

¹ Professor Titular de Teoria da Literatura junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Estadual de Feira de Santana (PROGEL/UEFS) e junto ao Programa de Pós-Graduação e Crítica Cultural da Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB). Membro do GT da ANPOLL Vertentes do insólito ficcional. Endereço eletrônico: r.h.seidel@gmail.com. — Texto apresentado na Mesa coordenada: desejos coletivos e cultura urbana na metrópole contemporânea: diagnósticos e perspectivas, durante o VII Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, realizado na Universidade Federal da Bahia (UFBA), em Salvador, em agosto de 2011, e em língua espanhola na XII Conferencia Internacional de Cultura Africana y Afroamericana, realizada na Universidad de Oriente, na cidade de Santiago de Cuba, em Cuba, em abril de 2012.

INTRODUÇÃO

Frente às ficções simbólicas que nos são apresentadas como justificadoras da dominação, que, em última instância, conforme análises recentes de Zizek (2003), são encobridoras da crescente “desertificação do real” e do novo panorama mundial do “planeta favela” (cf. DAVIS, 2006); frente ainda à onnipresença sintomática do poder e da violência simbólica (v. BOURDIEU, 2010; SEIDEL, 2010) — no caso brasileiro — seja ensejadas por uma tradição cultural calcada em valores colonialistas constantemente reatualizados por um imaginário social via grande mídia, seja pelo viés de uma cultura cuja moral reacionária dificulta a instituição de valores democráticos, justos e igualitários; frente ainda a um imaginário social calcado em “valores de mercado”, dentro do contexto da maquinaria de uma globalização cultural, cujo caráter se apresenta como “globalitarismo” (cf. SANTOS, 2000); frente à constatação de que vivemos em uma sociedade — no nosso caso brasileiro, mas também no da maioria das sociedades americanas — caracterizada como “oligárquica, hierárquica, violenta e autoritária” (CHAUÍ, 2007, p. 53), ou, ainda, marcada por um “colossal conservadorismo”, apresentando-se mesmo como “uma muralha de dominação praticamente sem brecha” (ARANTES, 2007, p. 237); frente a tudo isso, poder-se-ia ficar tentado a concordar com o poeta “marginal” pernambucano Valmir Jordão (2002), em seu poema “Do descarte”:

Penso,
logo
desisto.

Isso, contudo, seria ceder a um tipo de análise calhorda, fiadora do pacto cínico determinista e fatalista, no rumo de uma avalização da afirmação: “O ser humano é assim, não há nada que se possa fazer”, que justificaria o mal e a infelicidade (KEHL, 2009, p. 28-29), de maneiras que se inviabilizasse toda e qualquer sorte de exercício crítico.

Do contrário, nossa posição demarca a procura por espaços frutíferos, onde a construção da cidadania e da democracia encontrem um terreno propício. É neste aparte que a “identificação estética facilita as coisas” (KEHL, 2008a, p. 73). Neste sentido, consideramos a questão do simbólico como relevante, enquanto espaço de embates onde são travadas as lutas por espaço discursivo e afirmativo por parte dos grupos subalternos e marginalizados; alocada, por-

tanto, no âmbito das subjetividades — algo já tratado em trabalhos anteriores (SEIDEL, 2005, 2007). Daí que a pesquisa maior — denominada “Crítica e mal-estar: aproximações à questão da violência simbólica e imaginária”, ainda em fase de execução —, da qual alguns resultados parciais são ora apresentados, repousar fortemente nos achados conceituais da psicanálise lacaniana, especialmente nos registros do simbólico, do imaginário e do real. No presente texto, é dada maior ênfase aos conceitos de “orfandade simbólica” e de “fratria”, com base em textos pela pesquisa considerados literários, apesar de que não haja consenso acerca de tal definição dentro da série dos estudos literários ou da teoria literária. Restaria ainda acrescentar que a pesquisa não é de cunho institucional, pois foi originada em violência de ordem simbólica sofrida pelo autor dentro do espaço acadêmico; portanto, todo o esforço teórico é contra o silêncio da vítima, pela elucidação, pela compreensão. É neste viés que vai a pertinência e a relevância do aparato psicanalítico, num sentido bem freudiano que, com seu trabalho em fins do séc. XIX e inícios do séc. XX, “pretendia abalar a prepotência da moral burguesa e a vaidade do ‘homem de bem’ do início do século XX, apontando o mal que se pratica, o sofrimento que se inflige ao outro e a si próprio em nome de um código que se acredita absoluto, inquestionável”. Demais disso, quando Freud, do ponto de vista do inconsciente, admite que “o mal não existe e a moral não importa”, isso não é razão suficiente para “autorizar que nos tornemos imorais, mas apenas um pouco mais tolerantes com as falhas alheias, um pouco mais humildes em relação a nossas qualidades” (KEHL, 2009, p. 28-29).

1 A POESIA MARGINAL, A VANGUARDA MANGUE E A LITERATURA MARGINAL

“Que nossa criminalidade retrata mais uma reação social, inclusive organizada, a uma ordem injusta, cruel, violenta e, por que não, também criminosa” (PINTO, 2007?, p. 23 [online]), isso hoje parece largamente aceito como um dos traços marcantes de nossa sociedade dual, intrinsecamente dividida por um *apartheid* social.

Se, nos anos noventa do séc. passado, o Movimento Mangue, liderado pelo cantor e compositor pernambucano Chico Science, soube tematizar a exclusão sociossimbólica dos jovens da periferia da capital pernambucana e, além disso, colocar em discussão na pauta pública questões estéticas, identitárias e políticas (veja-se o amplo debate surgido a partir das

proposições do Movimento Mangue, desde o encarte com o Manifesto *Caranguejos com Cérebro*, assinado por Fred Zero Quatro e Chico Science, em 1993), na primeira década deste séc. XXI coube ao “movimento” da Literatura Marginal, encabeçado por Ferréz, dar munção para a discussão da segregação interna da sociedade brasileira (veja-se os três números especiais da revista *Caros Amigos Especial: Literatura Marginal: a cultura da periferia: ato I, ato II e ato III*, organizados por Ferréz, respectivamente em 2001, 2002 e 2004, bem como os respectivos manifestos nas revistas, assim como ainda o texto de abertura, assinado por Ferréz e intitulado “Terrorismo literário”, constante da obra *Literatura marginal: talentos da escrita periférica*, de 2005, também organizado por Ferréz).

O Movimento Mangue foi considerado, pela crítica, importante para o conjunto da produção cultural nacional, tendo repercutido não só na música, mas também nas questões do contato entre as culturas populares e a tecnologia, nas artes plásticas e, sobretudo, na literatura e na poesia. A poesia mangue ainda não foi devidamente estudada para apontar estes elos entre o movimento e a literatura, de forma que se desvelasse o quanto o próprio Movimento Mangue é tributário dessa poesia, em parte anterior, em parte já se alimentando do próprio movimento. Apesar de tímida, pode-se citar a coleção do Dep. de Literatura e Editoração, da Fundação de Cultura da Cidade do Recife que, a partir de 2002, publica as coletâneas poéticas chamadas “Marginal Recife”. Estas coletâneas foram organizadas em regime de “auto-organização” por parte dos poetas integrantes de cada volume da coletânea, sem uma ingerência direta do poder público. Este apenas ficou responsável pela viabilização técnica do projeto.

A maioria dos poetas reunidos já vinha produzindo poemas desde a década dos oitenta (como o autor do poema citado acima, Valmir Jordão, um dos organizadores da primeira coletânea, junto com Miró e Cida Pedrosa), mas somente vai ter visibilidade no final da década dos noventa e, mais amplamente, com a publicação das coletâneas, já na primeira década deste século XXI. O caso mais emblemático da “marginalidade” desta produção poética é do poeta Erickson Luna, que assim é apresentado:

Erickson Luna, poeta, boêmio recifense, nascido em 1958, nunca publicou. Seus poemas circulam pela cidade e exercem grande influência entre os jovens e no meio cultural. No prelo, há vários anos, o livro: *Do moço e do bêbado*, esperado por todos os admiradores de sua poesia” (PEDROSA; MIRÓ; JORDÃO, 2002, p. 21).

Luna, no entanto, veio a falecer e é bem provável que o livro referido não tenha saído. Luna certamente é um caso extremo.

Boa parte dos poetas publicava de forma altamente alternativa. O próprio nome das edições/editoras é elucidativo da dinâmica editorial: Editora Escalafobética, Mão-de-Veludo Edições Artesanais, Editora Pirata, Edições Cordel. Estas edições muitas vezes contavam com apoio de DCEs, de Sindicatos e de partidos políticos, como o PT, PC e PC do B. Os poetas se agrupavam em torno de “organizações”, em geral de cunho etílico-anárquicas, tais como, Movimento de Escritores Independentes de Pernambuco, Sociedade dos Poetas Vivos, Movimento Eu Poeta Errantes, que, em geral, também tinham os seus veículos de divulgação seriada, como, p. ex., os jornaizinhos *Balaio de Gato*, *Poesia Descalça*, *Dez in canto*; sendo que a organização de concursos de poesia de bairro e por parte de Bibliotecas Populares também era excipiente corriqueiro, assim como a organização de coletâneas. Já no final dos anos noventa, a União Brasileira de Escritores (UBE), por meio de suas seção regional/estadual, vai receber boa parte desses poetas “marginais”.

Atrelando à discussão geral, pode-se afirmar, com Pascale Casanova (apud MACHADO; JUSTINO, 2010, p. 2), que o espaço literário organiza-se entre os pólos antagônicos daqueles com e daqueles sem recursos, mediante o que se configura um espaço de forças antagônicas, dentro do qual “nem todos fazem a mesma coisa, mas todos lutam para entrar no mesmo curso (*concursum*) e, com armas desiguais, tentar atingir o mesmo objetivo: a legitimidade literária”. Reconhece-se agindo duas estratégias nestes embates: a assimilação por meio da integração a um espaço dominante e a diferenciação por intermédio da afirmação da diferença a partir de uma reivindicação, até há pouco nacional, crescentemente local e/ou marcada por etnia, gênero, opção sexual, classe, etc.

Com respeito à Literatura Marginal da forma como proposto pelo grupo encabeçado por Ferréz, a relação imediata que se estabelece é com o *rap* (*rhythm and poetry*, oriundo da tradição afro-caribenha) e com o hip hop, dada a vivacidade deste estilo musical nas periferias das cidades brasileiras. Contudo, como o próprio Ferréz expressou em sua fala (em palestra proferida por ocasião da Jornada Literária do SESC/BA, em dezembro de 2008), o que se buscava era uma literatura em que o leitor da periferia urbana — paulistana, em primeira instância, mas depois ampliada —, se visse identificado, tanto em termos de linguagem, de temá-

tica, quanto em termos ideológicos. Esclareceu ainda, nesta mesma ocasião, que as bibliotecas populares de bairro, os sebos e, especialmente, os fanzines eram locais de formação tanto do leitor quanto do poeta, sendo que uma das estratégias que servia de orientação para esse tipo de leitor na escolha de suas leituras era a “nota crítica” escrita, por algum outro leitor, nas últimas páginas do livro: “se você gostou deste livro, leia também ...”, de forma que se garantia o laço entre a coletividade dos leitores.

A partir de meados da primeira década deste séc. XXI, esta Literatura Marginal é apontada pela crítica como um dos mais importantes e renovadores movimentos dentro da estética literária nacional (cf. JUSTINO, 2007, 2008; NASCIMENTO, 2009; MACHADO; JUSTINO, 2010; LIMA; SEIDEL, 2010). Os já referidos prefácios de Ferréz para a série da *Revista Carros Amigos* (2001, 2002, 2004), bem como o prefácio à obra coletiva (FERRÉZ, 2005), conforme Luciano Justino (2008, p. 2),

[...] articulam a chamada à literatura a sua colocação num espaço de natureza política que excedem [sic] a questão propriamente estético-literária para se situar nas demandas por democracia e por direito à diferença. Eles trazem novas perguntas à literatura: que faz o escritor e o público com a literatura? Para que a literatura tem servido? Quem estabelece o critério de medida? Quem pode escrever? Quem recebe? Em que condições materiais cotidianas?, [perguntas] tão urgentes quanto as questões específicas da Poética enquanto ciência da literatura. Hoje, responder a pergunta espinhosa, e pergunta-matriz da teoria literária, “O que é literatura?”, ultrapassa o âmbito [...] da literatura para incluir outros saberes sobre a sociedade e o lugar mesmo do “campo literário” nos sistemas semióticos que formam as culturas.

Desse contexto, é possível depreender um campo nada “confortável” para a reflexão crítica a respeito dessa literatura. O “leitor médio”, podemos imaginar, aquele leitor confortavelmente esparramado em sua poltrona, em meio ao seu conforto doméstico, é de pronto, ao entrar em contato com esse novo tipo de literatura, arremessado para uma nova situação, situação essa que coloca em questão todos os seus pressupostos, não só estético-literários, mas principalmente das formas de representação e de mediação cultural. E mais: essa nova postura que desponta do fenômeno da literatura marginal recente questiona o próprio sistema literário, a própria instituição literária, daquilo que já foi definido como o “[...] Cânone Ocidental [que]

foi constituído historicamente a partir de critérios em que vogam a autoridade e a universalidade da literatura, [... que é] quase que exclusivamente composto de homens brancos mortos”, como bem lembram Machado e Justino (2010, p. 1), na esteira de Pascale Casanova (2002).

2 RAP, HIP HOP E “FRATRIA”

Majoritariamente, os textos afiliados à literatura marginal tratam da violência de toda a sorte a que o sujeito subalterno, suburbano e periférico está sujeito em seu cotidiano. Este aspecto da violência essa literatura tem em comum com boa parte das letras do hip hop. Do hip hop, segundo análise de Nascimento (2009) e de Kehl (2008a), também provém a noção de “fratria” — uma espécie de irmandade simbólica, representada pelos “manos” —, que acaba separando os sujeitos em um “nós” e um “eles”: nós, os periféricos, os excluídos, pobres, etc.; e um eles, burguês, “grãfa”, playboy, etc. — Aqui torna-se necessário fazer referência ao conceito de comunidade em oposição à sociedade, que remonta aos trabalhos de Ferdinand Tönnies, na obra *Gemeinschaft und Gesellschaft* (de 1887). Conforme Bauman, Tönnies sugere que “o que distinguia a comunidade antiga (*Gemeinschaft*) da (moderna) sociedade em ascensão (*Gesellschaft*) [...] era um *entendimento compartilhado por todos os seus membros*” (BAUMAN, 2003, p. 15, grifos do original). Entendimento aqui não pode ser compreendido como consenso: este é um acordo alcançado por pessoas com opiniões diferentes, que chegam ao acordo por meio de negociações e compromissos; ao passo que aquele é o que dá a sensação perceptível dentro da comunidade, de que as pessoas se entendem sem precisarem expressar isso em palavras, sem precisarem estar perguntando o tempo todo: “o que você quer dizer?”. O “círculo aconchegante” que o ser humano percebia na comunidade, quase que um “círculo mágico”, em que o entendimento comum fluía de forma natural, passando despercebido quase como o ar que respiramos, essa comunidade que era um “tipo de imersão ingênua na união humana” é “hoje somente possível, e cada vez mais, em sonhos” (BAUMAN, 2003, p. 16). Realça o sociólogo polonês que, numa verdadeira comunidade, não há motivação para a reflexão, nem para a crítica ou para a experimentação, já que a comunidade é fiel à sua natureza, na medida em que é “distinta” de outras comunidades; é “pequena”, estando visível a todos os seus membros; e é “auto-suficiente”, atendendo a todas as necessidades de seus membros, do berço ao túmulo. Daqui vem a distinção entre o “nós” e o “eles”, ao mesmo

tempo em que se vislumbra o estofo da unidade e do entendimento da comunidade: ela é feita de *homogeneidade* e de *mesmidade*.

Essa mesmidade encontra dificuldades no momento em que suas condições começam a desabar: quando o equilíbrio entre a comunicação “de dentro” e “de fora”, antes inclinado para o interior, começa a mudar, embaçando a distinção entre “nós” e “eles”. A mesmidade se evapora quando a comunicação entre os de dentro e o mundo exterior se intensifica e passa a ter mais peso que as trocas mútuas internas” (BAUMAN, 2003, p. 18).

Esta fissura interna surge como um golpe mortal para a comunidade, que agora só mais será possível de ser instituída de forma arbitrária; portanto, de forma impossível, já que a “naturalidade” (inocência) perdida jamais poderá ser erigida de novo (a não ser, talvez, de forma *simulada*). Além desse contexto em que o simbólico se coloca como inocência e como violência a um só tempo, sobressai ainda a própria complexidade patente das patologias sociais. Contudo, gostaria de vincular essa questão da formação coletiva com a forma como Freud a coloca (na obra *Totem e tabu*) quando a relaciona com o “assassinato do pai primitivo”, o assim chamado “pai da horda”. Ora, o Brasil é um país que pode ser considerado “órfã de pai”, por conta de o colonizador não ser especialmente prezado; de não se respeitar a elite que governa em desrespeito à lei e à própria sociedade; de não haver grandes heróis fundadores que forneçam subsídios simbólicos de lastro para a auto-estima ou para ideais identificatórios das massas. Conforme Kehl (2008a, p. 78),

Na atualidade, os “heróis nacionais” não são figuras históricas ligadas a algum mito de fundação desta sociedade, mas personalidades emergentes do mundo dos esportes e da música popular — muito mais próximos, portanto, da posição de irmãos mais habilidosos e mais esportos, do que de um pai exemplar (totêmico) ligado a um mito das origens.

Se, segundo a autora, no país a passagem do “estado de natureza” ao “estado de cultura” não se deu mediante um projeto específico de fundação, mas, do contrário, foi marcado por figuras de degredados e aventureiros de toda sorte, que antes vieram para usufruir e usurpar do que propriamente “civilizar”, é inevitável que este processo tenha produzido uma, pela autora denominada, “orfandade simbólica”, mediante a qual se estabeleceu “uma demanda social por pais *reais*, abusados, arbitrários e brutais como o ‘pai da horda primitiva’ do mito freudiano” (KEHL, 2008a, p. 78-79 — grifo do original). Daí que, continuando o seu raciocínio, a autora constata que, mediante a falta de uma mitologia socialmente compartilhada que

dê sustentação ao exercício simbólico da função paterna, confunde-se muito frequentemente, na sociedade brasileira,

[...] o autoritarismo e/ou arbítrio com o exercício legítimo da autoridade. Ocorre que o que falta à sociedade brasileira não é mais um *painho* mandão e pseudo protetor; falta à sociedade legitimar-se como participante ativa na construção permanente da democracia (KEHL, 2008a, p. 79 — grifo do original).

É neste viés que a autora propõe a substituição da “metáfora do pai poderoso” por uma “fratria forte” — e também não por uma “mátria”, por uma “pátria-mãe gentil”, que tudo dê, tolere e autorize. Característico desta “fratria forte” seria a confiança em si mesma, de forma que lhe seja possível suplantar o poder do “pai da horda”, erigindo assim um pai simbólico que se corporifique numa lei justa, que atenda as necessidades de todos e não meramente a voracidade de uns poucos. Neste sentido, a autora adenda: “O pai pode ser o símbolo da Lei, mas se esta não for sustentada pelos irmãos, não serve para nada” (KEHL, 2008a, p. 79).

Nesta função da constituição da “fratria forte”, o poeta possui um papel especial. Se, da análise de Freud da gênese da violência que remonta ao assassinato do pai primitivo, o poeta épico justamente é o herói que corporifica enquanto autor singular um ato que é coletivo, o poeta simultaneamente será aquele que vai manter a unidade da “fratria” sobre a memória de um ato (fictício, deve-se lembrar) das origens, bem como aquele que se sobressai psicologicamente do coletivo. A autora, em sua análise dos “poetas míticos” do *rap* dos Racionais, aponta para o que as falas das letras dos textos indicam:

[...] eu diria que suas falas oscilam; passam do lugar comunitário dos *manos* ao lugar do herói/poeta exemplar, escorregando deste para o lugar da autoridade, em nome de um “pai” que sabe mais, que pode aconselhar, julgar, orientar (KEHL, 2008a, p. 79-80 — grifo do original).

Esses aspectos sobressaem também dos textos que vêm abaixo. São letras de *rap*, encaradas agora já como literatura marginal e não mais como tendo um mero parentesco ou influência dessa sorte de literatura. Explique-se isto, por conta de a própria obra em que os textos estão coligidos já trazer em seu título a proposição do *rap* como literatura — *Letras de rap de Alagoinhas como literatura marginal* (MOREIRA; OLIVEIRA, 2010) —, o que, de certo, já é uma retroalimentação das proposições do Movimento da Literatura Marginal desta primeira década do séc. XXI. Senão, vejamos o texto de um dos poetas/MCs:

esse é meu brasil pátria mãe gentil puta que pariu esse povo varonil no céu de anil geração 2000

do curto pavio carregou o meu fuzil esse é meu brasil estamos passando mal mais é fevereiro vamos pular carnaval
o resto do ano inteiro até mesmo no natal entra e sai janeiro continua tudo igual [...]
situação precária no mundo 10\$ a diária só
deslealdade no país da impunidade os gravatas respondem em liberdade escondem a verdade trancada a 7 chaves quando deveriam estar atrás das grades mas
na prepotência não existe penitência pra incompetência nunca haverá sentença ou você pensa que terá uma recompensa
dos malas sujas uma pá de sanguessugas com dinheiro entocado em cuecas e sungas usa a cédula pra limpar a bunda com desvio de verbas e renda pública (Texto: “esse é meu brasil”, de MANO ED + - [MOREIRA, OLIVEIRA, 2010, p. 39]).

Este texto nos coloca diretamente no meio da discussão que vimos de travar. Na coletânea, no entanto, a posicionalidade do sujeito da enunciação já é feita logo no início, no primeiro texto. Senão, vejamos:

sujeito do gueto não pode ter preconceito
sujeito do gueto é com a humildade e respeito

no gueto eu mim criei e tenho muito orgulho
pode acreditar é o melhor lugar do mundo
eu vivo nesse gueto com a paz sem preconceito
e sempre procurei ser um rapaz direito
a realidade das cidades e dos bairros
não é tão bela principalmente dentro da favela
as minas se perdendo os manos se acabando
cada dia que passa é o perigo dominando
a treita tá formada pra quem fala mal desse gueto
pode acreditar eu sou preto do gueto (Texto: “sujeito do gueto”, de autoria de MC MAMAH [MOREIRA, OLIVEIRA, 2010, p. 5]).

Dos textos reunidos na coletânea, o real surge como a matéria bruta do cotidiano da periferia, passando a ser “a matéria simbolizada” nas letras do rap. Essa é uma tarefa que, no dizer de Kehl (2008a, p. 97),

[...] como todo trabalho de simbolização, depende de um trabalho de criação de linguagem que só pode ser coletivo. É como se os poetas do rap fossem as caixas de ressonância, para o mundo, de uma língua que se reinventa diariamente para enfrentar a morte e a miséria. Para se manter junto a fonte de sua poesia eles não deixam a favela, não negam a origem.

É daí que a voz dos rappers continua se constituindo em um *apelo aos irmãos* — portanto, ao iguais —, na medida em que, por intermédio de sua arte, eles sustentam a rede de solidariedade e amizade em que se amparam, rumo à “fratria forte”, para além da mera pobreza simbólica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cunho de conclusão, gostaria de chamar a atenção para o fato de que todos somos, de alguma maneira, vítimas de violência. Após percurso trilhado, poder-se-ia adendar agora que, no final das contas, a sentença também pode ser invertida: “somos todos violentos”, conforme já foi inquirido pelo psicanalista Alfredo Jerusalinsky (1996). Era uma pergunta que este autor colocava, cuja resposta era: “o sintoma de nossa aldeia global: o que não se suporta, aniquila-se”; ou ainda: “Quando um sujeito não tem como se representar no discurso social, a passagem ao ato é, de um modo ou outro, inevitável” (JERUSALINSKY apud RESZKA, 2005, p. 24), restando o caminho aberto para toda sorte de violência. Contudo, sobressai daí o que já desde sempre é apontado como sendo condição: não se pode ser feliz — e, portanto, viver eticamente — sem um mínimo de educação, saúde, alimentação, liberdade, bens... Estas poderiam ser caracterizadas como condições pré-éticas, donde imediatamente se coloca a pergunta pelo que está sendo feito para sanar as condições pré-éticas para a efetivação de uma vida ética. — Pergunta que fica ecoando...

De toda sorte, perpassa aos exemplos discutidos, que neles se vislumbram potenciais vias “alternativas”, cujos pontos nodais se tocam nos aspectos atinentes às éticas e às subjetividades, no sentido de que “uma crítica social [e cultural] é indissociável da análise dos procedimentos de socialização que visam conformar sujeitos a formas de vida aspirantes a uma validade que não se reduz apenas aos domínios da tradição e do hábito” — algo que já sabemos desde Freud (SAFATLE, 2010, p. 62).

O lugar, por excelência, de investigação destes aspectos, o lugar onde as subjetividades podem melhor ser “fixadas”, onde elas, por assim dizer, se refratam, sem sombra de dúvida, é nas obras de arte e de pensamento.

E, para suavizar o *excurso*, trago o seguinte poema, cujo título é *Ecce home*, de autoria do anteriormente já referido Erickson Luna (2002, p. 27). Trata-se de um poema que, por não ter nenhuma pontuação, precisa da inflexão da oralidade para que seu efeito seja sentido, convidando, mais do que para leitura em voz alta, para a encenação, para a performance:

Ecce home

Saiam da minha frente
Matem-se
Morreram-se
Deixem livre
O meu campo de visão

Me entristece conceber
A semelhança que nos une na semente
Quem é que pode
Ser feliz se vendo gente

Portanto
Saiam da minha frente

REFERÊNCIAS

ARANTES, Paulo. *Extinção*. São Paulo: Boitempo, 2007.

ARAÚJO, Marcelo José. A violência simbólica: uma difícil percepção. In: *Dossiê: as múltiplas faces da violência*. Unimontes Científica, Montes Claros, v. 6, n. 2, p. 101-106, jul./dez. 2004. Disponível em: http://www.unimontes.br/unimontescientifica/revisitas/Anexos/artigos/revista_v6_n2/word%20e%20pdf/10rev_cientifica_v6_n2_decimo_artigo.pdf. Acesso em: 15 mar. 2010.

BARTHES, Roland et al. *La teoria*. Barcelona: Anagrama, 1971.

BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003.

BOURDIEU, Pierre. Sobre o poder simbólico. In: Idem. *O poder simbólico*. 13. ed. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010, p. 7-16.

BRAGA, Maria Lucia Santaella. As três categorias peircianas e os três registros lacanianos. *Psicologia USP*, v. 10, n. 2, 1999. [online]. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-65641999000200006&script=sci_arttext. Acesso em: 22 mar. 2010.

CHAUÍ, Merilena. *Cidadania cultural: o direito à cultura*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.

CHAUÍ, Marilena. *Cultura e democracia*. Salvador: Prefeitura de Salvador/Secretaria Municipal de Educação e Cultura; Governo da Bahia/Secretaria de Cultura, 2007. Disponível em: <http://www.cultura.salvador.ba.gov.br/downloads.php>.

CHAVES, Wilson Camilo. O estatuto do real em Lacan: dos primeiros escritos ao Seminário VII, A ética da psicanálise. *Paideia*, v. 16, n. 34, maio/ago. 2006. Disponível em: <http://sites.ffclrp.usp.br/paideia/artigos/34/04.htm>. Acesso em: 15 mar. 2010.

DAVIS, Mike. *Planeta favela*. São Paulo: Boitempo, 2006.

FERRÉZ [Reginaldo Ferreira da Silva]. *Literatura marginal: talentos da escrita periférica*. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

FERRÉZ. Manifesto de abertura: Literatura Marginal. *Revista Caros Amigos — A cultura na periferia: ato 1*. São Paulo: Ed. Casa Amarela, 2001.

FERRÉZ. Terrorismo literário. In: FERRÉZ. (Org.). *Literatura marginal: talentos da escrita periférica*. Rio de Janeiro: Agir, 2005, p. 9-14.

FISCHER, Joschka. *Por uma nova concepção da sociedade: uma análise política da globalização*. Prefácio de Fernando Gabeira. São Paulo: Summus, 2001.

HONNETH, Axel. Pathologien des Sozialen: Tradition und Aktualität der Sozialphilosophie [Patologias do social: tradição e atualidade da filosofia social]. In: Idem. *Das Andere der Gerechtigkeit. [O outro da justiça]*. Frankfurt a.M.: Suhrkamp, 2000a, p. 11-69.

HONNETH, Axel. Über die Möglichkeit einer erschliessenden Kritik: Die „Dialektik der Aufklärung“ im Horizont gegenwärtiger Debatten über Sozialkritik. [Sobre a possibilidade de uma crítica social útil: a “Dialética do esclarecimento” no horizonte dos debates atuais sobre crítica social]. In: Idem. *Das Andere der Gerechtigkeit. [O outro da justiça]*. Frankfurt a.M.: Suhrkamp, 2000b, p. 70-87.

JERUSALINSKY, Alfredo. Somos todos violentos? In: APPOA. *Psicanálise em tempos de violência. Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, Porto Alegre: Artes e Ofícios, ano 6, n. 12, p. 7-14, 1996.

JORDÃO, Valmir. *Poe Mas [Poemas, 1980-1998]*. 2. ed. Recife: Ed. Escalafobética, 2002.

JUSTINO, Luciano. Novos estatutos da memória na literatura brasileira contemporânea: os “marginais”. In: Anais Eletrônicos do XI Encontro Nacional da ABRALIC. São Paulo: ABRALIC, 2008. Disponível em: <[http://www.abralic.org/anais/cong2008/Anais Online/simposios/pdf/007/LUCIANO_JUSTINO.pdf](http://www.abralic.org/anais/cong2008/Anais%20Online/simposios/pdf/007/LUCIANO_JUSTINO.pdf)>. Acesso em: 15 mar. 2010.

JUSTINO, Luciano Barbosa. A literatura marginal e a tradição da literatura: o prefácio-manifesto de Ferréz, “Terrorismo literário”. *Gragoatá*, n. 23, p. 189-203, 2007.

KEHL, Maria Rita. *A fratria órfã: conversas sobre a juventude*. São Paulo: Olho d’Água, 2008a.

KEHL, Maria Rita. Imagens da violência e violência das imagens. In: Idem. *A fratria órfã: conversas sobre a juventude*. São Paulo: Olho d’Água, 2008b, p. 126-139.

KEHL, Maria Rita. *Sobre ética e psicanálise*. São Paulo: Cia. das Letras, 2009.

- L'APICCIRELLA, Nadime. O papel da educação na legitimação da violência simbólica. *Revista Eletrônica de Ciências*, São Carlos, n. 20, jul. 2003. [online]. Disponível em: http://cdcc.usp.br/ciencia/artigos/art_20/violenciasimbolo.html. Acesso em: 15 mar. 2010.
- LIMA, Vanessa Bastons; SEIDEL, Roberto H. Literatura marginal e cultura da periferia: uma análise da obra *Capão pecado*, de Ferréz. *Pontos de Interrogação*, v. 1, n. 1, p. 1-12, 2010.
- LUNA, Erickson. Ecce home. In: PEDROSA, Cida; MIRÓ; JORDÃO, Valmir. (Org.). *Marginal Recife: coletânea poética 1*. Apresentação de Alberto da Cunha Melo. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2002, p. 27.
- MACHADO, Anny Karine Matias Novaes; JUSTINO, Luciano Barbosa. Literatura: espaço de lutas antagônicas? In: *Anais eletrônicos da ANPUH*. Disponível em: <http://www.anpuhpb.org/anais_xiii_eeph/textos/ST%2017%20-%20Anny%20Karine%20Matias%20Novaes%20Machado%20e%20Luciano%20Barbosa%20Justino%20TC.PDF>. Acesso em: 15 mar. 2010.
- MENDONÇA, Sonia Regina de. Estado, violência simbólica e metaforização da cidadania. *Tempo*, Rio de Janeiro, v. 1, p. 94-125, 1996. Disponível em: http://www.historia.uff.br/tempo/artigos_livres/artg1-6.pdf. Acesso em: 15 mar. 2010.
- MOREIRA, Osmar; OLIVEIRA, Wilton. *Letras de rap de Alagoinhas como literatura marginal*. Alagoinhas: Fábrica de Letras/Usina de Produção do Mestrado em Crítica Cultural/UNEB II, 2010.
- NASCIMENTO, Érica Peçanha. *Vozes marginais na literatura*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009. Disponível em: edicoestoro.net.
- PEDROSA, Cida; MIRÓ; JORDÃO, Valmir. (Org.). *Marginal Recife: coletânea poética 1*. Apresentação de Alberto da Cunha Melo. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2002.
- RESZKA, Maria de Fátima. Angústia docente e violência no ambiente escolar. *Revista Textual*, p. 22-30, nov. 2005. Disponível em: <http://www.sinpro-rs.org.br/textual/nov05/violencia.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2010.
- REVISTA Caros Amigos. *Literatura marginal: ato I*. São Paulo: Ed. Casa Amarela, mar. 2001.
- REVISTA Caros Amigos. *Literatura marginal: ato II*. São Paulo: Ed. Casa Amarela, mar. 2002.
- REVISTA Caros Amigos. *Literatura marginal: ato III*. São Paulo: Ed. Casa Amarela, mar. 2004.
- SAFATLE, Vladimir. Freud e a teoria social: uma questão de método. *Dossiê: Freud: continuidades e rupturas*, *Cult*, ano 13, n. 147, p. 60-62, jun. 2010.
- SARLO, Beatriz. *La ciudad vista: mercancías y cultura urbana*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Ed., 2009.
- SCIENCE, Chico & Nação Zumbi. *Da lama ao caos*. Rio de Janeiro: Sony Music, [1992]. 1 CD. 1 encarte.

SANTOS, Milton. *Território e sociedade: entrevista com Milton Santos*. 2. ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

SEIDEL, Roberto H. Violência simbólica. In: NOVAES, Cláudio Cledson; SEIDEL, Roberto H.; SOUZA, Licia Soares de. *Figuras da violência moderna: confluências Brasil/Canadá*. Feira de Santana: UEFS Ed., 2010, p. 159-176.

SEIDEL, Roberto H. Relativismo, universalismo e alogeneidade na produção cultural de grupos marginalizados. In: *Anais eletrônicos do I ENECULT*. Salvador: FACOM/UFBA, 2005. [online]. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/enecul2005/RobertoSeidel.pdf>.

SEIDEL, Roberto H. *Embates simbólicos: estudos literários e culturais*. Recife: Bagaço, 2007.

ZIZEK, Slavoj. *Bem-vindo ao deserto do Real!* São Paulo: Boitempo, 2003.

ZIZEK, Slavoj. *Lacrimae rerum: ensaios sobre cinema moderno*. Trad. Isa Tavares e Ricardo Gozzi. São Paulo: Boitempo, 2009.

ZIZEK, Slavoj. Não existe o grande Outro. *Cult*, ano 11, n. 125, p. 59-65, jun. 2008.

Recebido em: 30 de julho de 2013.

Aceito em: 15 de setembro de 2013.

